

PROGRAMA

1.º momento

12-15 de Março 2009

12, 13, 14 e 15 de Março, 10h00-19h00

Foyer do Auditório de Serralves

Instalação

“At the End of the Road”

Viv Corringham

No trabalho mais recente de Viv Corringham, podemos testemunhar um interesse particular na forma como o ambiente pode reter vestígios das relações de familiaridade que estabelece com aqueles que o vivem no dia-a-dia, bem como pela contribuição destas relações para a paisagem interior resultante da história, memórias e associações pessoais. Na série **Shadow Walks**, Corringham percorre com um voluntário um percurso pedestre que se perspectiva como sendo, simultaneamente, especial e recorrente na vida dessa pessoa, gravando conversas e sons ambientes e "secundários". Segue-se um passeio realizado apenas por Corringham onde a artista vai tentar sentir os vestígios deixados pelo seu acompanhante e torná-los audíveis através do seu canto improvisado no próprio lugar, efectuando também uma recolha de sons e objectos. Todo este material recolhido é depois organizado e apresentado sob a forma de instalações, gravações e performances. Corringham traz assim para primeiro plano aquilo que nos parece trivial, ao permitir que o pensemos como rastros deixados por outros, como memórias do próprio lugar.

Viv Corringham tem apresentado as suas instalações e performances em vários festivais e centros artísticos da Europa e América do Norte, como o Abrons Art Center em Nova Iorque, a Meridian Gallery em São Francisco, o Galata Perform em Istambul, Residências de Nodar em Portugal, a MCAD Gallery em Minneapolis, o Festival Women in New Music no Canadá ou o Festival Soundworks na Irlanda. Também nas ondas da rádio os seus trabalhos têm marcado presença, sendo transmitidos por importantes estações como a BBC Radio, Resonance FM, Channel 4, WFMU, entre várias outras. No âmbito da música improvisada e experimental, colaborou com músicos como Pauline Oliveros, Peter Cusack, Maggie Nicols, Lawrence Casserly, Lol Coxhill e Gino Robair.

12 de Março, 22h00

Auditório de Serralves

Concerto

Shelley Hirsch

Natural de Brooklyn, Nova Iorque, Shelley Hirsch é uma cantora, compositora e performer com uma versatilidade e técnicas vocais extraordinárias. A sua apresentação ao vivo em Serralves centra-se em **O Little Town Of East New York** (cuja versão para rádio granjeou receber o primeiro prémio do Prix Futura International Media Competition de Berlim). Neste trabalho, Hirsch retrocede no tempo, investigando as lembranças da sua infância, quer ao nível da sua consciência mais imediata, quer das

memórias mais recônditas e nebulosas que a sua experiência de vida encerra. Partindo daqui – e recorrendo à sua enorme variedade de registos e tonalidades vocais, à sua espontaneidade e capacidade de improvisação, a que se juntam efeitos electrónicos e ambientes instrumentais criados por colaboradores como David Weinstein – Hirsch constrói colagens brilhantes de reminiscências e associações, transitando entre a palavra dita e o canto, entre a euforia e a intimidade, entre a força e a vulnerabilidade. O carácter visceral e natural com que tece uma malha tão viva e carismática de diferentes registos vocais e textos atravessa também o seu trabalho ao nível da experimentação e improvisação musical em parcerias e colaborações com músicos como John Zorn, Christian Marclay, Elliott Sharp, Jon Rose, Jerry Hunt, David Moss, Min Xiao Fen, Marina Rosenfeld, Anthony Coleman, Simon Ho, Alvin Curran, Jin Hi Kim, Mark Dresser, Ikue Mori ou DJ Olive, entre muitos outros.

14 de Março, 18h30
Biblioteca de Serralves
Mesa-redonda

“Os usos dos registos na primeira pessoa: como documentam?”

Pretende-se reflectir acerca dos usos que são feitos dos registos na primeira pessoa, sejam diários, crónicas, cartas. Como os perspectivar? Como os analisar? Como os citar? A que tipo de interpretações se consegue chegar? Que virtualidades se identificam nos usos deste tipo de documentos? Que diferenças e proximidades existem entre o uso científico e o uso artístico?

Oradores: **Ana Jotta e André Tavares**
Moderadora: **Cristina Farinha**

André Tavares (Porto, 1976) é arquitecto pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (2000), é coordenador editorial na Dafne Editora e autor dos livros *Arquitectura Antituberculose, trocas e tráficos na construção terapêutica* (FAUP-publicações, 2005), *Os fantasmas de Serralves* (Dafne, 2007) e *Novela Bufo do Ufanismo em Concreto* (Dafne, 2009). É professor convidado no Departamento Autónomo de Arquitectura da Universidade do Minho e trabalha no Centro de Documentação e Investigação da Cultura Arquitectónica do Instituto Marques da Silva. Na sua comunicação **Puzzles arquitectónicos, construir documentos de construção**, André Tavares parte do seguinte mote: a construção da história da arquitectura é, quase, uma operação literária. Nesta apresentação tomamos como primeiro documento a Casa de Serralves, obra representativa das ambições e contradições de Carlos Alberto Cabral, o seu criador. Se é possível analisar criticamente o edifício e dele extrair uma quantidade numerosa de traços históricos, essa análise é muda relativamente aos processos tensos da sua concepção e maturação. Reconstruir esses processos é como montar um puzzle do qual se desconhece, à partida, a imagem do conjunto. A obra de arquitectura é um documento cuja forma se aproxima do cristal, precisamente ao contrário das práticas da arquitectura que se aproximam perigosamente da forma das nuvens. Para ultrapassar o mutismo da obra e aceder a essas práticas, o historiador de arquitectura necessita de

cruzar vários registos documentais: a correspondência pessoal do cliente, os processos de trabalho do arquitecto, os documentos de licenciamento camarário da obra, os registos do construtor, etc. O resultado desse cruzamento nem sempre possuiu um sentido lógico. A produção de sentido que se opera na conjugação dos documentos exige do autor uma actividade criadora *ex novo* e coloca-o perante uma série de impasses de resolução difícil. Os arquitectos fazem obras para as quais produzem um género de documentos muito específico. Esse treino de produtores permite aceder à documentação histórica a partir de um terreno disciplinar relativamente livre, liberdade que dá origem a dúvidas e incertezas sobre a utilização de documentos. A partir da experiência prática da montagem de alguns *puzzles arquitectónicos*, com particular destaque para a construção da Casa de Serralves, esta apresentação enuncia algumas dúvidas metodológicas entre a produção e a utilização de documentos sobre a construção da cidade e da paisagem.

Ana Jotta nasceu em 1946 em Lisboa, onde vive e trabalha. Tendo frequentado a Faculdade de Belas Artes de Lisboa, ingressou posteriormente (1965-68) na École de Arts Visuels et d'Architecture de l'Abbaye de la Cambre, em Bruxelas. Após um período em que se dedicou principalmente à actividade teatral, como actriz (1969-80), a sua actividade focou-se nas artes visuais. Desde os princípios dos anos 90 tem sido uma presença assídua em feiras de arte e bienais (ARCO, Bruxelas, Joanesburgo, Barcelona, entre outras). Em 2005, realizou uma exposição retrospectiva no Museu de Serralves. Ana Jotta tem vindo a construir, desde o início dos anos 80, um corpo de trabalho feito de uma sequência de rupturas e apagamentos: o apagamento dos seus próprios passos anteriores, das ideologias do modernismo, dos mitos do pós-modernismo, da própria noção de autoria que ela tanto desconstrói como reconstitui. A sua conversa com o público tem como título ***Jotta Dossier***.

Cristina Farinha é socióloga, especialista em mobilidade e cooperação cultural europeia, estudante de doutoramento da Utrecht School of the Arts (HKU) e editora do LabforCulture.org.

14 de Março, 21h30
Auditório de Serralves
Cinema

“Les années déclin”

Raymond Depardon

Sessão comentada por **Augusto M. Seabra**

Filme documental em que o realizador propõe um retrato auto-biográfico ao longo dos seus últimos 20 anos, desde a sua infância. Justapondo o seu rosto, as suas fotografias e o seu discurso, Depardon confronta-nos com um filme registado na primeira pessoa que apela a uma reflexão sobre percursos profissionais e artísticos diversos, assim como a uma forma extremamente *sui generis* de exposição de uma vida pessoal.

Raymond Depardon é fotógrafo e o seu percurso é pautado pela heterogeneidade. Foi assistente do fotógrafo Louis Foucherand em 1958, em Paris, e logo de seguida, entre 1960 e 1962, trabalhou para a agência Louis Dalmas como paparazzo. Durante a década de 60 realizou vários trabalhos como fotógrafo de guerra, incluindo a guerra da Argélia e a guerra do Vietname. Em 1966 fundou a Agência Gamma e em 1978 integrou a Agência Magnum. Realizou vários filmes, dos quais se podem referir, por exemplo, *La captive du desert* (1989), *Un homme sans l'Occident* (2002), *10e chambre, instants d'audience* (2004) e *Profils paysans: le quotidien* (2005). Raymond Depardon recebeu vários prémios e distinções, de entre os quais podem ser referidos a Medalha de Ouro Robert Capa (1973), o Pulitzer Price (1977) e, mais recentemente, a Placa de Ouro do Chicago International Film Festival com o filme *10e Chambre – instants d'audience* (2004), e o Prémio Nadar (melhor livro francês de fotografia - *Détours*). Encontra-se actualmente a trabalhar num projecto de fotografia em França que terminará em 2010.

Augusto M. Seabra é crítico, sociólogo e programador. Foi crítico no jornal semanário *O Expresso - A Revista* e no jornal diário *Público*, tendo sido um dos seus fundadores. Foi director de programação dos Festivais Monumental 95 e 96. Vem programando ciclos de cinema na Culturgest e no DocLisboa – Festival Internacional de Cinema Documental de Lisboa. Neste último, programou a secção "Diários e Auto-retratos", em 2005 e 2006, e é responsável pela secção "Riscos e Ensaios", em torno das representações do real.

15 de Março, 17h00
Auditório de Serralves
Road movie

"Título posible, si un título hubiese: Y ¿(ahora) qué?"
Loreto Martinez Troncoso

"1978 nasce... 1999 parte... bolseira de ...trabalha com... 2000 felicitada por... 2001 intervém em... seleccionada em... 2002 felicitada por... comprada por... ligada a... no... vídeo-projectada em... 2003 considerada artista francesa por... para... anunciada como «one-woman-show» para... vídeo-instalada em... colabora com... 2004 colabora com... participa na... considerada como «artista que trabalha sobre»... para... por... faz uma leitura dentro do... 2005 carta branca no... «recomendada» como artista «digna de elevado interesse» pela... candidatura=> retida para... proposição de... recusada por... considerada «politicamente incorrecta» por... faz parte da exposição... auto-apresenta-se como «conformista» e não actua no festival x onde é apresentada como «França», bolseira de... para... 2006 participa como «jovem artista galega» no... recusada no *Salón del Jardín* e do exterior por... stripteaser em..., em... e em... 2007 mata uma mosca em... torna-se uma vídeo-projecção em... In-apresenta-se... protocola-se... 2008 parte *En el camino*... a(s) sua(s) palavra(s) conta(m) ou não em... fala em *loop* durante exactamente 3 meses e 7 dias no... *mediumiza*-se e «mostra uma visão pessimista da vida»¹ enquanto... se *showiza in*... e anuncia que da próxima vez

haverá uma comédia. É considerada como «criação de género na Galiza» em... 2009 «[...] promete saborosas surpresas»... entre outras coisas.

Loreto Martinez Troncoso

¹ *El País*, sábado 21 de Junho de 2008.

15 de Março, 18h30
Biblioteca de Serralves
Conferência
Viv Corringham
(conferência proferida em inglês)

2.º momento

20-28 de Abril 2009

20 de Abril , 22h00
Auditório de Serralves
Dança
“36, Avenue Georges Mandel”
Raimund Hoghe

Maria Callas é a figura central da peça **36, Avenue Georges Mandel**, o solo mais recente de Raimund Hoghe, evocativo do legado da famosa artista e, em paralelo, da obra pessoal do coreógrafo. Alusiva à última morada de La Callas, **36, Avenue Georges Mandel** é uma peça austera e contida que se inspira simbolicamente na voz gloriosa da diva para sugerir emoções e memórias associadas à sua vida, à vida de Raimund Hoghe e à humanidade.

Raimund Hoghe nasceu em Wuppertal e começou a sua carreira a escrever para o semanário alemão *Die Zeit* retratos de personagens estranhos e celebridades, que posteriormente foram compilados em vários livros. Entre 1980 e 1990 foi dramaturgo do Tanztheater Wuppertal de Pina Bausch, o que veio igualmente a dar origem a mais dois livros. Desde 1989 que cria as suas próprias peças para actores e bailarinos, e desde 1992 que mantém colaboração com o artista visual Luca Giacomo Schulte. Em 1994 criou o primeiro solo para si próprio, *Meinwärts*, que, juntamente com os subsequentes *Chambre séparée* (1997) e *Another Dream* (2000) constituem uma trilogia sobre o séc. XX. Raimund Hoghe tem trabalhado frequentemente em televisão, em projectos como *Der Buckel*, um auto-retrato de uma hora feito em 1997 para WDR (Rádio e Televisão Alemã Ocidental). Os seus livros estão traduzidos em várias línguas e tem apresentado os seus espectáculos por toda a Europa, no Japão e Austrália. Vive em Düsseldorf e recebeu vários prémios, incluindo o Deutscher Produzentenpreis für Choreographie (Prémio de Coreografia dos Produtores Alemães), em 2001, o le Prix de la critique Française (Prémio da Crítica Francesa), em 2006, pelo espectáculo

Swan Lake, 4 Acts na categoria "Meilleur spectacle étranger" (Melhor Espectáculo Estrangeiro) e em 2008, os críticos da Revista *Ballet-tanz* consagraram-no "Danseur de l'année" (Coreógrafo e Intérprete do Ano).

25 de Abril, 18h30

Biblioteca de Serralves

Mesa-redonda

"O acto dos registos na primeira pessoa: o que documentam?"

Perspectiva-se equacionar os mecanismos accionados pelo autor dos registos, assim como as suas motivações e intenções. Porquê registar na primeira pessoa? Com que suporte? Em escrita, fotografia, quadro, som, imagem? Os registos são perspectivados como potencialmente utilizáveis por outrem? Com que objectivos? Qual o olhar do utilizador de tais registos sobre o seu autor? Como estabelecer a relação autor/utilizador dos registos na primeira pessoa?

Oradores: **Valter Hugo Mãe e Silvestre Lacerda**

Moderadora: **Vera Borges**

Valter Hugo Mãe nasceu em Angola, Saurimo, em 1971. Passou a infância em Paços de Ferreira e vive em Vila do Conde desde 1981. Licenciado em Direito e pós-graduado em Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea, escreveu três romances: *o apocalipse dos trabalhadores* (Quidnovi, 2008); *o remorso de baltazar serapião* (Quidnovi, 2006 e Prémio José Saramago); *o nosso reino* (Temas & Debates, 2004). A sua poesia está reunida no volume *folclore íntimo* (Edições Cosmorama, 2008). Sobre a sua obra: *A meta física do corpo, sobre a poesia de valter hugo mãe, seguido de uma antologia*, de Rui Lage (Edições Cosmorama, 2006). Director da nova revista *Zdrada*, para poesia traduzida, cujo primeiro número sai em meados de 2009. Mais informações sobre o autor: www.valterhugomae.com.

No Ciclo **DOCUMENTE-SE!**, Valter Hugo Mãe apresenta-nos a comunicação **O espanto de estar vivo**. Nas palavras do autor: "O registo é um modo de dotar um determinado espaço de uma certa fracção de tempo. É pegar num momento e colocá-lo sob albergue de um espaço, às vezes simplesmente a memória, de modo a que possamos voltar a ele quando quisermos. Os meus registos são assim: o tempo todo junto em gavetas como se ocorresse em simultâneo tão incrivelmente. Passa claramente por esse «espanto de estar vivo» (José Gomes Ferreira) e pela necessidade de que a vida se reúna à nossa volta, se preserve, não acabe tão depressa ou não se esqueça, porque, ainda enquanto o corpo respira, muitos de nós, e tantas coisas que quisemos guardar, já se perderam para sempre, sem registo, sem mais tempo em nenhum espaço."

Silvestre Lacerda é Director-geral de Arquivos e do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, membro do EBNA – European Board of National Archives e do EAG – European Archival Group, junto da Comissão Europeia. É ainda primeiro vogal do

Conselho Directivo da ALA – Associação Latino-Americana de Arquivos e Vice-Presidente da Universidade Popular do Porto.

No **DOCUMENTE-SE!**, Silvestre Lacerda propõe-nos uma reflexão intitulada **Quem pensa que é? = Who do you think you are?**. A partir do conceito de arquivo e da noção de documento, pretende-se chamar a atenção para a dimensão também identitária dos registos arquivísticos e fotográficos e o seu papel crucial como forma de preservação da memória individual e colectiva.

Vera Borges é socióloga e investigadora do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

25 de Abril, 22h00

Sala Multiusos do Museu de Serralves

Improvisação

“Registos na 1.ª pessoa. Nada do que dissemos até agora teve a ver comigo”.

Direcção artística: **Rita Natálio**

Interpretação: **António Júlio, Nuno Lucas, Cláudio da Silva**

Nada do que dissemos até agora teve a ver comigo é um projecto de improvisação dirigido por Rita Natálio para três *performers*. Usando como referência um conjunto de testemunhos recolhidos previamente do exterior através de entrevistas, encontros, apropriações espontâneas, etc., é um projecto que procura reflectir sobre fenómenos de construção/narração identitária através de registos na 1.ª pessoa. O resultado final é uma improvisação com o tempo real das histórias de vida - monólogo a três vozes, linha de montagem de ideias ou concerto de experiências faladas do mundo.

Rita Natálio nasceu em Lisboa em 1983. Da sua formação académica, destaca a formação em História na Universidade Nova de Lisboa e Artes do Espectáculo Coreográfico na Universidade de Paris VIII (com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian no âmbito do Programa de Apoio à Dança 2006). Como intérprete, realizou o Curso de Pesquisa Coreográfica do Fórum Dança 2006 (Lisboa) com Vera Mantero, João Fiadeiro, Emmanuelle Huyn e participou em vários workshops de composição e improvisação com Christian Rizzo, Loic Touzé, Armando Menicacci, entre outros.

A sua actividade principal tem-se centrado na área da dramaturgia e acompanhamento de projectos artísticos e de investigação. Colaborou em *Para onde vai a luz quando se apaga?* (2007) e *I was here* (2007) de João Fiadeiro e *Das coisas nascem coisas* (2008) de Cláudia Dias. Trabalhou igualmente com a estrutura RE.AL criada por João Fiadeiro, na coordenação/acompanhamento de projectos de investigação e treino em torno do método de Composição em Tempo Real. Actualmente, trabalha com Vera Mantero na assistência dramática da sua nova criação para 2009 e na publicação de um livro de artista. A sua formação híbrida entre a teoria e a prática artística deu origem a algumas experiências de ensino inseridas no Programa de Estudos, Pesquisa e Criação Coreográfica do Fórum Dança 2008-09 (Lisboa). Desde 2008, começou igualmente a desenvolver o seu próprio trabalho. Colaborou com Ivo Serra em *Tela* (Festival Temps d'Images) e no pequeno filme *Looking back into the future* (Menção

Honrosa FICAP). Faz ainda parte da rede internacional de artistas Sweet and Tender Collaborations (www.sweetandtender.org) onde iniciou o projecto *Nada do que dissemos até agora teve a ver comigo*.

António Júlio estudou Teatro na Academia Contemporânea do Espectáculo, curso de Interpretação e Escultura na Faculdade de Belas Artes do Porto. É intérprete de Teatro e Dança desde 1999, tendo trabalhado com Joana Providência, Nuno Cardoso, João Paulo Costa, na Cia Circolando, Kuniaki Ida, Meg Stuart, Rogério de Carvalho, Francisco Alves, André Guedes, entre outros. Dirigiu o grupo de teatro da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto entre 2004 e 2008, é professor de Interpretação na Academia Contemporânea do Espectáculo e faz parte da equipa de trabalho de Mugatxoan desde 2007. O seu trabalho como criador situa-se entre o teatro, a dança e a performance. Das suas criações mais recentes destaca *Recuperados*, para o TUP (Porto, 2009) *Boots and Breath* para a Companhia Instável (Espace des Arts, Chalon sur Saône, 2008), *Eunice* (Teatro do Campo Alegre, Porto, 2007) e *200gr* (Mugatxoan / Arteleku, San Sebastian / Fundação Serralves, Porto, 2006).

Cláudio da Silva, licenciado em Línguas Estrangeiras Aplicadas, concluiu o bacharelato de Estudos Teatrais na Escola Superior de Teatro e Cinema. Trabalhou com o Teatro Praga em *O Canto do Noitibó*, a partir de Al Berto, *Spanksgiving Day*, *O Desejo Agarrado Pelo Rabo* de Pablo Picasso. Interpretou *Pompeia* de Miguel Loureiro, *Existência* de João Fiadeiro, *Corpo de Baile* de Miguel Pereira, *Teatro Fantasma* de Carla Bolito e Cláudio da Silva, *O³ por O³*, *Gata Borracheira* de Robert Walser, enc. de Ricardo Aibéo, *Companhia de Caçadores* de Fernando Sousa, enc. de Mário Trigo pelo Teatro Focus, *Correspondência a Três*, enc. de Inês de Medeiros, *A Morte de Danton na Garagem*, enc. de Carlos Pessoa pelo Teatro da Garagem e *Tanto Amor Desperdiçado* de William Shakespeare, enc. de Emmanuel Demarcy-Mota. Na APA participou em *Regras de Atracção*, *Uma Laranja Mecânica* e *Aos Peixes*, encs. de Manuel Wiborg, e co-encenou com Manuel Wiborg *Debaixo da Cidade*. Nos Artistas Unidos participou em *Ruído* de Joaquim Horta, *À Espera de Godot* de Samuel Beckett, enc. de João Fiadeiro, *O Navio dos Negros* de Jorge Silva Melo, *Falta* de Sarah Kane e *Os Irmão Geboers* de Arne Sierens, encs. Jorge Silva Melo, *O Meu Blackie* de Arne Sierens, enc. Cláudio da Silva, e *O Nosso Hóspede* de Joe Orton, enc. Manuel João Águas. Em cinema participou em *Aparelho Voador a Baixa Altitude* e *A Filha De Solveig* Njordlund, *Venus Velvet* e *O Capacete Dourado* de Jorge Cramez, *Os Cowboys* de António Maria Cardoso e de José Nogueira Pinto e *Glamour* de Luís Galvão Telles. Em televisão participou nas séries *Inspector Max* e *Liberdade 21*.

Nuno Lucas nasceu em Portugal. Actualmente reside em Berlim. Trabalha como coreógrafo e performer. Começou a revelar aptidão para a comédia aos cinco anos. Imitava figuras públicas, personagens típicas, cantores e vozes de animais. Entre 1989 e 1991 viveu na ilha da Madeira onde iniciou os seus estudos de música (bandolim, guitarra acústica, eléctrica e voz). Durante toda a escolaridade, participou em peças de teatro amador, bailados e concertos. Em 1998 vai viver para Lisboa e finaliza a licenciatura em Economia na Universidade Nova de Lisboa. Em Maio de 2001 participou no seu primeiro workshop de dança e nesse mesmo ano estreou-se como

intérprete com o coreógrafo Miguel Pereira no Teatro Nacional D. Maria II. Em 2003 é convidado por João Fiadeiro para conceber os seus primeiros esboços coreográficos no LAB10. Posteriormente, foi co-autor e performer com Cláudio da Silva e Martim Pedroso em *Weekend* (2006). A solo criou *What can be shown cannot be said* (2007). Em colaboração com Hermann Heisig concebeu e interpretou *Pongo Land* (2008). Apresentou os seus trabalhos em Portugal, França, Alemanha e Suíça. Trabalhou com inúmeros artistas destacando a sua participação como performer com Miguel Pereira, Mário Afonso e Nir de Volff. Na sua formação foram determinantes os cursos de pesquisa e criação coreográfica no Fórum Dança e no ex.e.r.ce no Centro Coreográfico Nacional de Montpellier, sob a direcção de Mathilde Monnier e Xavier le Roy, onde foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian

26 de Abril, 17h00

Sala Multiusos do Museu de Serralves

Improvisação

“Registos na 1.ª pessoa. Nada do que dissemos até agora teve a ver comigo”.

Direcção artística: **Rita Natálio**

Interpretação: **António Júlio, Nuno Lucas e Cláudio da Silva**

26 de Abril , 18h30h

Biblioteca de Serralves

Conferência

“How to make music from your daily life: sounds of interior and exterior experience in the work of Blue Gene Tyranny, Luc Ferrari and Viv Corringham”
Alan Licht

(conferência proferida em inglês)

Nesta conferência serão examinados três trabalhos: *Country Boy Country Dog* de Blue Gene Tyranny, *Far West News* de Luc Ferrari e *Inside the Machine* de Viv Corringham. Os três recorrem ao uso de ‘gravações de campo’ de experiências pessoais para criarem composições que reflectem quer o mundo interior quer o exterior. A peça de Tyranny aborda tanto o sentimento interno como o comportamento exteriorizado, pelo uso de sons recolhidos em situações dentro e fora de portas. Ferrari considera toda a sua obra autobiográfica, mesmo as peças instrumentais. *Far West News*, composta em grande parte com gravações documentais de uma viagem ao sudoeste americano em 1999, será discutido nesta perspectiva. Por último, a obra de Corringham, tal como a de Ferrari, é centrada numa viagem pessoal, e ao ser intencionalmente criada para ser ouvida em auscultadores, sublinha a sua origem enquanto experiência na primeira pessoa, aparentando ter lugar no interior da cabeça do ouvinte.

Enquanto guitarrista, **Alan Licht** tem trabalhado com grandes e ilustres nomes da música experimental. Das lendas do free jazz Rashied Ali e Derek Bailey, aos magos da electrónica Fennesz e Jim O'Rourke, os mestres do 'turntablism' DJ Spooky e Christian Marclay, ou os veteranos da *downtown* nova-iorquina John Zorn e Rhys

Chatham. Tem cinco álbuns editados com composições para fita magnética e guitarra, e as suas instalações com som e vídeo têm sido mostradas nos EUA e Europa. Fundou o Ensemble Text of Light com Lee Ranaldo dos Sonic Youth, um colectivo de formação variável dedicado à improvisação musical para projecções de filmes clássicos do cinema avant-garde. Licht foi o programador/curador da sala Tonic em Nova Iorque entre 2001 e o seu encerramento em 2007. Tem escrito extensivamente sobre arte para publicações como a *WIRE*, *Modern Painters*, *Art Review*, *Film Comment*, *Sight & Sound*, *Premier*, *Village Voice*, *New York Sun*, *Time Out New York*, entre outras. O seu primeiro livro, *An Emotional Memoir of Martha Quinn*, foi publicado em 2003 e o seu livro de 2007, *Sound Art: Beyond Music, Between Categories*, constitui o primeiro grande estudo publicado em inglês sobre as origens e o desenvolvimento deste campo transdisciplinar da criação artística conhecido como arte sonora.

26 de Abril , 22h00
Auditório de Serralves
Teatro /Performance
“and then”
Eszter Salamon

“Imagine que encontra um álbum de fotografias na rua. Você abre-o e vê imagens de pessoas que não conhece, instantâneos de férias, atitudes e gestos familiares, caras desconhecidas que vos sorriem como se você fosse seu parente ou um amigo íntimo a quem as fotografias são destinadas... não é estranho e quase perturbador de penetrar desta forma na vida dos outros?

Numa cena que se contrai e se dilata, se dobra e se estende em dois e três espaços, em qualquer lugar entre aqui e parte alguma, oito pessoas dizem e cantam a banda sonora da sua vida e da sua época sem nenhuma ligação entre elas. O que as faz reunir e falar, estas pessoas que dialogam no singular mas que não têm nada de particular? O que significa encontrar alguém em que a sua existência não nos diz respeito nem de perto e nem de longe? Como é que a expressão de cada um nos deixa indiferentes mas que, no entanto, nos importa tão profundamente?” *Bojana Cvejic*

Seguindo a sua formação em Budapeste, **Eszter Salamon** trabalhou em França com vários coreógrafos entre 1992 e 2000. Em 2001 criou *What a Body you have*, *Honey* e, com Xavier Le Roy, a peça *Giszelle*. Eszter Salamon criou ainda *Reproduction* em Podewill (Berlim), onde foi artista residente e recebeu, em 2004, o prémio Villa Médicis *Hors Les Murs*. Em 2005 apresentou *Magyar Tancok* em Lyon e em 2006, a peça *Nvsbl*. Em 2007, criou “and then” e *Without you I am nothing*, um concerto-performance realizado em colaboração com Aranxta Martinez. Em Maio de 2008, no quadro do Kunstenfestival des Arts em Bruxelas, Salamon apresenta o duo *Dance#1/Driftworks*, em conjunto com Christine De Smedt, e participa igualmente no projecto de investigação coreográfico 6M1L (6 mois 1 lieu), no Centro Coreográfico de Montpellier, em França.

27 de Abril, 22h00
Auditório de Serralves
Concerto

Aki Onda

O instrumento de eleição do músico, compositor e fotógrafo Aki Onda é o walkman (gravador/leitor de cassetes). É com ele que Onda grava os seus diários sonoros que depois manipula física e electronicamente nas suas performances. Onda considera estas gravações diarísticas, realizadas ao longo de mais de duas décadas, não apenas sons mas memórias pessoais, e é destas memórias e da sua acumulação que emergem as colagens sonoras de carácter ritualístico que podemos ouvir no seu projecto *Cassette Memories*, quer em performances sonoras ao vivo quer nos álbuns *Ancient & Modern* e *Bon Voyage!*.

A entrada de **Aki Onda** no mundo da música deu-se através da fotografia, recolhendo imagens de músicos para várias revistas em Osaka e Quioto. O seu interesse pela música foi sendo apurado e aprofundado até se tornar ele próprio músico, produtor, estudioso e crítico musical. Desde a sua aparição em 1990 com o projecto Audio Sports, ao lado Yamatsuka Eye e Nobukazu Takemura, a sua produção musical tem sido prolífera em projectos a solo e colaborações, de onde se destacam as realizadas com Alan Licht, Michael Snow, Ken Jacobs, Ikue Mori, Shelley Hirsch, Jac Berrocal ou Tujiko Noriko, entre várias outras.

28 de Abril, 15h00
Anfiteatro Nobre da Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Conferência

Béatrice Fraenkel

A assinatura ou a arte de transformar os documentos é o título da conferência que Béatrice Fraenkel apresenta no DOCUMENTE-SE! Segundo a antropóloga, a assinatura define-se como a linha que autografa o seu próprio nome, é um sinal de identidade feito pelo próprio sujeito. Assinar é também um acto de escrita dotado de uma força específica porque, quando assinamos, transformamos os documentos: validamo-los. Deste modo, a assinatura surge como a afirmação do poder individual que cada um pode exercer sobre um documento. No entanto, a história da assinatura ensina-nos que este poder não é simplesmente *exercido*, ele é também *conferido* pelos documentos ao assinante. No século XVI, por exemplo, o Estado reforça a importância do sobrenome ao impor aos indivíduos a assinatura dos actos jurídicos com o nome próprio. Propomo-nos debater, a partir da análise da assinatura, as relações de agência (em referência ao conceito de *agency*) que ligam indivíduo e documentos.

Béatrice Fraenkel é antropóloga e docente na École des Hautes Études en Sciences Sociales do Centre National de Recherche Scientifique (EHESS-CNRS), em Paris, onde lecciona Antropologia da Escrita. É responsável pela equipa “Anthropologie de l’écriture” do IIAC (Institut Interdisciplinaire d’Anthropologie du Contemporain (UMR, EHESS-CNRS). Dirige igualmente (em conjunto com Christian Licoppe, ENST) o

programa de investigação «Écologie et politique de l'écriture » apoiado pela Agência Nacional para a Investigação (2006-2009). Nas suas publicações incluem-se: Fraenkel, B. (1992) - *La signature genèse d'un signe*. Paris: Gallimard; Fraenkel, B., dir. (1993) - *Illettrismes. Variations historiques et anthropologiques, Ecritures IV*. Paris: Centre Georges Pompidou, Bibliothèque Publique d'Information; Fraenkel, B.; Borzeix, A., dirs. (2001) - *Langage et travail. Communication, cognition, action*. Paris: CNRS; Fraenkel, B. (2002) - *Les écrits de Septembre: New York 2001*. Paris: Textuel.